

## José Manuel Pureza

Investigador

# Portugal tem armas a mais

País tem o dobro do armamento civil habitual noutros países

POR PATRÍCIA FONSECA

**J**osé Manuel Pureza, 50 anos, especialista em Relações Internacionais, coordena o Núcleo para os Estudos da Paz, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Desde há um ano, dirige a equipa que, com o financiamento da Fundação para a Ciência e Tecnologia, realiza o estudo *Violência e Armas Ligeiras: Um Retrato Português* – o maior projecto de sempre sobre o fenómeno, que só estará concluído em 2010. As primeiras conclusões serão apresentadas esta quinta-feira, 19, em Lisboa, numa Audição Pública do Observatório Permanente sobre a Produção, Comércio e Proliferação de Armas Ligeiras.

**Qual é, para já, o traço dominante deste retrato?**

Diria que há quatro dimensões essenciais do problema e uma delas é a questão da oferta. Podemos adiantar já que, em relação às estimativas internacionais, nomeadamente da Amnistia Internacional, que apontam para que exista uma arma de fogo por cada 10 civis, esse número é claramente superior em Portugal.

**Que dados sustentam essa conclusão?**

Existem 1,4 milhões de armas legalizadas no nosso país. O número das ilegais não é ainda claro mas situa-se entre 500 mil e 1,5 milhões. Mesmo contabilizando apenas o



**« Todos os dias há crimes evitáveis se não existissem tantas armas »**

valor mínimo de armas ilegais já duplicamos o valor de referência internacional.

**Quais as motivações para tamanha procura de armas de fogo?**

Essa é a resposta que procuramos. Queremos saber quais os valores e as aspirações que animam as pessoas, de estratos sociais, idades e zonas geográficas diferentes, a quererem possuir uma arma. Estamos a tra-

balhar com jovens de centros educativos e de comunidades mais problemáticas e verificámos, sem surpresa, que os sentimentos mais expressos são os de poder e afirmação.

**O estudo centra-se na utilização de armas pelos jovens?**

Não, entrevistámos pessoas de várias idades, sabendo que o fenómeno não é apenas juvenil. E é entre as pessoas mais velhas que assistimos ao discurso de que a arma é necessária para defesa pessoal. Existe uma relação directa entre as percepções de insegurança e o desejo de possuir uma arma.

**O elevado número de armas de caça poderá indicar que são também utilizadas para defesa pessoal?**

Esse facto nem é escondido – há uma grande legitimação social da posse de armas.

**As pessoas dizem sentir-se mais seguras com uma arma em casa?**

Sim, mas o discurso dominante sobre a necessidade de usar armas em nome da segurança deve merecer a nossa análise – e a nossa preocupação. Há uma tensão entre o discurso e os resultados concretos: todos os dias ocorrem acidentes e crimes de circunstância que seriam evitados se não existissem tantas armas. Veja-se o exemplo da violência doméstica. E não podemos falar apenas das mulheres que morrem mas também daquelas que vivem o quotidiano da ameaça, sabendo que o marido tem uma arma na mesa-de-cabeceira.

**Quais as suas expectativas, quando der por terminado este trabalho, em termos de impacto nas políticas públicas?**

O desafio desta equipa de investigação é que o conhecimento que venhamos a produzir seja útil à sociedade. Não queremos apenas conhecer – queremos agir. ■